



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Artur Azevedo

Entre o vermute e a sopa



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Entre o vermute e a sopa

Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1895.

Livro Digital nº 822 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo

(1855 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

ENTRE O VERMUTE E A SOPA

ENTREATO



PERSONAGENS:

O DOUTOR PACHECO

AMÉLIA

DONA ANGÉLICA

UM CRIADO.

A cena passa-se numa sala, em casa de Amélia. Atualidade.

ATO ÚNICO

CENA I

Amélia, Dona Angélica.

(Dona Angélica, sentada, lendo. Amélia entrando da esquerda)

AMÉLIA

Titia, são quase seis horas. Ele não pode tardar.

DONA ANGÉLICA *(deixando o livro e erguendo-se)*

E se não vier?

AMÉLIA

Oh! O Doutor Pacheco é um cavalheiro!

DONA ANGÉLICA

Isso é. Pelo menos era.

AMÉLIA

Se não pudesse vir jantar, não aceitava o convite.

DONA ANGÉLICA

E se adoeceu?

AMÉLIA

A doença não é desculpa quando uma senhora convida.

DONA ANGÉLICA

Quer dizer que na tua opinião que um cavalheiro só deve faltar em caso de morte?...

AMÉLIA

Se morre de repente, não há que dizer, mas se a morte lhe dá tempo de escrever duas linhas ou dizer duas palavras...

DONA ANGÉLICA

Que exagero!

AMÉLIA

Mesmo com uma vela na mão, um cavalheiro não deixa de ser correto.

DONA ANGÉLICA

Quem morre pode lá pensar em correções!

AMÉLIA

Conforme. Isso depende do moribundo. César, que foi o primeiro homem do mundo, quando caiu, apunhalado, cobriu o rosto com o manto para não lhe verem as contorções da morte.

DONA ANGÉLICA

Isso é o que se conta.

AMÉLIA

Voltaire estava nas últimas quando soube haver chegado a Paris um fidalgo, seu amigo, que se achava ausente havia alguns anos, e a quem devia muitas finezas. Levantou-se da cama, vestiu-se, saiu e foi ter com o fidalgo, dizendo: - "Interrompi a minha

agonia para vir dar-lhe um abraço.” Deu o abraço, voltou para casa, despiu-se, deitou-se, e... morreu.

DONA ANGÉLICA

Pudera! Depois de semelhante imprudência!

AMÉLIA

Que delicado seria um cavalheiro escrevendo a uma senhora: “Peço desculpas de não comparecer ao jantar de Vossa Excelência: estou agonizando”.

DONA ANGÉLICA

E não precisava acrescentar que era um motivo independente de sua vontade. Pois olha minha sobrinha, eu julguei que o Doutor Pacheco se desculpasse, ou só aqui viesse para dar as piores informações acerca de seu sobrinho. Não gosto do tal Senhor Félix.

AMÉLIA

Por quê? Fez-lhe algum mal?

DONA ANGÉLICA

Aquilo sim é que era um homem! Ainda há dez anos produziu sensação quando reapareceu no Rio de Janeiro de volta das suas longas e misteriosas viagens. Todas as mulheres o desejavam!

AMÉLIA

Todas? Então a senhora!...

DONA ANGÉLICA

Não há regra sem exceção. Nunca me apaixonei por nenhum homem. Bem sabes disso.

AMÉLIA

Mas não acha a senhora que na minha situação eu não poderia encontrar conselheiro melhor que o Doutor Pacheco?

DONA ANGÉLICA

Acho que poderias encontrar outro menos suspeito. Ele é tio do moço que te requesta.

AMÉLIA

É uma razão para conhecê-lo melhor.

DONA ANGÉLICA

É uma razão para defendê-lo. Confesso-te: seria imenso o meu desgosto se te casasses com o Senhor Félix Pacheco. Enfim, és viúva, tens dinheiro, não tens filhos; faze o que te aprouver.

(Batem palmas)

AMÉLIA

É ele! Titia, vá lá dentro dar uma vista d'olhos ao jantar, e mande-nos o vermute.

Quando estiver posta a mesa, venha buscar-nos.

DONA ANGÉLICA

Pois sim. *(Vai saindo e para)* Vou acender uma vela ao meu Santo Antônio para que o Doutor Pacheco te dê as piores informações do sobrinho. *(Sai pela esquerda)*

CENA II

Amélia, depois o Doutor Pacheco.

AMÉLIA

Pobre titia! Estima-me bastante; receia que eu faça um mau casamento. *(Indo à porta do fundo)* Tenha a bondade de entrar.

O DOUTOR *(entrando)*

Ah!... Venho encontrá-la ainda bela e juvenil como há dez anos! *(Abraçando-a)* Permita que lhe dê um abraço, porque, como bem disse na sua delicada cartinha, eu e seu pai fomos amigos e

companheiro desde a mais tenra infância até que nos formamos ambos no mesmo dia. Depois de formados cada um de nós tomou o seu rumo... ele casou-se e eu fui ser o segundo judeu errante, mas sabe Deus com que pesar, uma tarde, na ilha de Falster, na Dinamarca, recebi a notícia de seu falecimento! Mas como está linda! Não creio que haja no Rio de Janeiro viuvinha mais graciosa!... Ninguém lhe dará a idade que tem... sim, porque, minha filha, comigo escusa de mentir!

AMÉLIA

Eu?

O DOUTOR

Oh! Não há mulher que não minta em se tratando de idade... Para os outros tenha 24... 25... 26 anos... Bem sei que tem 30... A senhora ainda não engatinhava quando pela primeira vez saí do Rio de Janeiro... Há dez anos, quando voltei, mostraram-me no Jockey Club, estava em companhia de seu esposo; não fui cumprimentá-la porque não tinha o prazer de conhecê-lo. Seu pai já não existia... Cheguei há oito dias, e tinha já resolvido vir apresenta-lhe os meus respeitos, quando recebi o seu amável convite para jantar.

AMÉLIA

Queira sentar. (*Sentam-se de cada lado de uma mesinha que deve estar no centro da cena*) Confesso-lhe que o meu convite levou água no bico.

O DOUTOR

Deveras?

AMÉLIA

Eu tinha interesse em falar-lhe.

O DOUTOR

Estou inteiramente às suas ordens.

(*Entra um criado trazendo uma bandeja com uma garrafa de vermute e dois cálices. O criado retira-se depois de colocar a bandeja sobre a mesinha*)

AMÉLIA

Desejo ouvi-lo sobre um caso muito sério, que me afeta particularmente.

O DOUTOR

Fale como se falasse a seu pai.

AMÉLIA

Como sabe, enfiuei há oito anos.

O DOUTOR

Eu li a notícia do falecimento de seu esposo, no *Jornal do Comércio*, uma noite, em Saigon, na Cochinchina.

AMÉLIA

Apesar de ter ficado senhora de alguma fortuna e sem filhos, tenho levado até hoje uma vida quase monástica. Um cálice de vermute; sim?

DOUTOR

Pois não! (*Amélia serve-o*) Tem feito mal... devia viajar... na sua idade é o que se deve fazer... não há prazer mais inteligente que o de ver terras desconhecidas e novos céus... surpreender o mundo em todos os seus variados e extraordinários aspectos... tomar um trem de ferro para ir ter com o sol... embarcar num paquete para fugir ao calor... Não se fizeram para outra coisa os contos de réis!

AMÉLIA

Eu era sozinha...

O DOUTOR

Quem tem dinheiro nunca está só... Não sei se me corre nas veias sangue boêmio: sinto um prazer imenso em percorrer o mundo.

Não creio que nenhum brasileiro viajasse tanto como eu, e nas minhas peregrinações nunca levei comigo senão uma mala deste tamanho, onde tenho a habilidade de acomodar tudo quanto possuo. Modéstia à parte, nesse ponto me pareço com aquele sábio da Grécia que dizia: *Omnia mea meco porto*. É provável que ele o dissesse em grego, mas é em latim que toda gente o repete. (Bebe) Excelente vermute!

AMÉLIA

Não prefere o francês?

O DOUTOR

Não; em matéria de vermute prefiro a Itália à França. Mas a senhora falava-me da sua viuvez, da sua vida monástica, e eu interrompi-a, e fiquei com a palavra até agora. Desculpe. Sou muito falador... falo pelos cotovelos... é um mau hábito que adquiri apesar do meu isolamento, e de que até hoje não consegui corrigir-me. Fale.

AMÉLIA

Durante oito anos, dizia eu, fechei-me em casa com o meu luto e as minhas saudades. Ultimamente, porém, resolvi frequentar a sociedade... mostrar-me um pouco aqui e ali... Para começar, assinei um camarote no Teatro Lírico... Vou aos espetáculos acompanhada por uma tia, irmã de meu pai, que o Doutor deve conhecer.

O DOUTOR (*depois de um pequeno esforço de memória*)

A Dona Angélica?

AMÉLIA

Essa mesma. Mora comigo desde que enviuei. Serve-me de mãe, de irmã e de amiga. Agora o caso: um camarote contíguo ao nosso é ocupado por uma família muito distinta, a do Visconde de Barrozelos.

O DOUTOR

Conheço muito; O Hilarião... Eu digo o Hilarião porque já não há fidalgos nesta terra.

AMÉLIA

O camarote do ex-visconde é frequentado por um moço de maneiras muito distintas, bem-apegoado, elegante... empregado público, mas empregado de certa categoria... numa Secretaria de Estado... Esse moço começou a olhar para mim com certa insistência...

O DOUTOR

E a senhora?...

AMÉLIA

O Doutor disse-me para que lhe falasse como a um pai; pois bem: eu... tive a fraqueza de também olhar...

O DOUTOR

Nem de outro modo poderia ter percebido a insistência dele. Era preciso que ambos insistissem.

AMÉLIA (*baixando os olhos*)

Insistimos ambos. E quando ele ia para o seu lugar na plateia, os nossos binóculos muitas vezes se encontravam.

O DOUTOR

Oh, os binóculos! Os binóculos!... Não há nada mais perigoso!...

AMÉLIA

Numa das últimas noites, entre o primeiro e o segundo ato da Aída, a Viscondessa de Barrozelos apresentou-mo...

O DOUTOR

Querem ver que, quando Radamés voltou da Etiópia, já o feliz diletante era seu noivo?

AMÉLIA

Não, senhor. Radamés morreu sem que houvesse o menor compromisso de minha parte. A situação depende inteiramente do Doutor.

O DOUTOR
De mim?

AMÉLIA
O moço chama-se Félix Pacheco.

O DOUTOR (*erguendo-se*)
Meu sobrinho?!...

AMÉLIA (*erguendo-se*)
A apresentação coincidiu com a sua chegada. Era Deus que o enviava para aconselhar-me. A quem melhor poderia dirigir-me senão àquele que ao mesmo tempo é o tio do pretendente e foi o melhor amigo do pai da pretendida?

O DOUTOR
Minha senhora, agradeço à Providência ter-me feito chegar a tempo de evitar uma catástrofe!

AMÉLIA
Uma catástrofe?!...

O DOUTOR
Não estranhe esta linguagem. Não devo ter outra. Meu sobrinho é, efetivamente, um bonito rapaz... veste-se bem... sabe calçar uma luva... mas é um idiota!

AMÉLIA
Oh!

O DOUTOR
Um idiota, repito! Um sujeitinho que nunca soube ser coisa nenhuma nesta vida... que há muito tempo não seria oficial de

Secretaria, se não houvesse na sua repartição outros empregados que dão conta de todo o serviço! Eu sou seu tio, sou seu amigo, tenho a obrigação de o ser; estas informações não as daria eu, se se tratasse de outra coisa... de promovê-lo, por exemplo... Mas de casá-lo? Pelo amor de Deus! Demais, ele apenas conta vinte e quatro anos; tem menos de idade e muito menos de espírito que a senhora... Esse casamento seria de uma desigualdade comovedora, e poderia causar não só a sua desgraça como a dele!... Se a senhora sente pelo Félix alguma coisa mais forte que uma singela impressão... plástica, perdoe a brutalidade das minhas expressões... Eu teria muita satisfação em ser seu tio, mas de modo algum desejaria vê-la casada com meu sobrinho. Um homem que só lê jornais! Um homem que não conversa, que não fala! Não fala, não, senhora! É capaz de estar duas horas sentado naquela cadeira, defronte daquela garrafa sem dizer palavra! Não parece meu parente! E a senhora, que é tão viva, tão inteligente, tão instruída, tão espirituosa, a senhora, que não tem vivido, mas tem a intuição da vida, há de ser mulher de um silencioso? Que horror!

AMÉLIA

O Doutor é de uma ferocidade persuasiva!...

O DOUTOR

Vamos... abra-me o seu coração... Gosta dele?... Ama-o?...

AMÉLIA

Não; não posso dizer que o ame...

O DOUTOR

Pois se não o ama, mande-o passear! Ele que se case com a filha de um comendador qualquer... procure alguma mocinha de dezoito primaveras, uma donzela que toque piano, cante melodias de Tosti, e borde com perfeição um par de chinelos ou um gorro de veludo azul com borla dourada. Já conversou com Félix?

AMÉLIA

Muito pouco.

O DOUTOR

Isso sei eu, é difícil arrancar-lhe uma palavra. E quando abre a boca é para dizer disparates! Tem muito bonita estampa, isso tem... Mas não tem mais nada! Repito: é um idiota!...

AMÉLIA

Entretanto, é um moço digno?

O DOUTOR

Sim... não envergonha a família; é incapaz de cometer uma infâmia; não tem vícios; é econômico; não deitou fora ainda a herança paterna; comporta-se perfeitamente. O seu grande defeito é ser vaidoso como todos os homens ignorantes que têm quatro vinténs adquiridos sem trabalho, e ser ridículo como todos os narcisos que se enamoram dos próprios encantos. Às três horas da tarde exhibe-se infalivelmente na Rua do Ouvidor, à porta do alfaiate cúmplice da natureza que o fez tolo, e parece dizer aos transeuntes: - Olhem para mim! Vejam como eu sou formoso!...

AMÉLIA

Agradeço a sua franqueza. Desnecessário é dizer-lhe que aceito o seu conselho. O Doutor não será meu tio.

O DOUTOR

Ainda bem. Mas veja lá!... Se o ama, se sente uma força indômita como o Guarani, esqueça-se de tudo quanto eu disse, faça-se minha sobrinha, porque não há para o amor de uma viúva honesta outro remédio senão o casamento. (*Vai sentar-se e esvaziar o seu cálice*)

AMÉLIA (*sentando-se*)

Por que nunca se casou?

O DOUTOR

Eu?

AMÉLIA

Sim.

O DOUTOR

Vem tão de supetão essa pergunta!...

AMÉLIA

Responda.

O DOUTOR

Não me casei, porque entendi que o homem só deve ligar o seu destino ao da mulher a quem ame verdadeiramente.

AMÉLIA

Quer dizer que nunca amou?

O DOUTOR

Amei, sim; amei com toda a energia da minh'alma; amei com toda a força do meu coração, e era também amado. Eu tinha a idade das ilusões, a idade em que o homem se deixa levar numa nuvem, de quimera em quimera. Ela, a minha doce amada, contava apenas quinze anos: já não era uma menina, e não era ainda uma mulher. Quando eu, louco de alegria, entusiasmado pelo meu amor e pela minha aventura, ia realizar o meu sonho, quando faltavam apenas alguns dias para a celebração do nosso consórcio, e eu dizia o nome dela aos astros, às flores, aos passarinhos, a todas essas bonitas coisas da natureza...

AMÉLIA

Como se chamava?

O DOUTOR

Amélia.

AMÉLIA

Amélia... Tinha o meu nome...

O DOUTOR

É verdade, tinha o seu nome... o mais belo de todos os nomes... Amélia, um nome tão doce que traz mel dentro de si... Pois bem: quando faltavam apenas alguns dias para as nossas almas se unirem para sempre, a morte, inesperada, traiçoeira, terrível, inexorável, arrancou dos meus braços a meiga criatura que jamais seria substituída por outra! Deus notara que lá em cima faltava-lhe aquele anjo. (*Comovidíssimo*) Sofri tamanho abalo, que ainda hoje a minha vida se me afigura um milagre. Foi nessa ocasião que conheci quanto seu pai me estimava. Quando me restabeleci, dir-se-ia que se fizera cá dentro um vácuo... o meu coração tornara-se uma campânula pneumática... e, como era rico e independente, não quis ser neste mundo outra coisa além de um contemplativo ocioso. Resolvi viajar, viajar muito, viajar sempre, e envolver a minha existência nômade num renovamento contínuo de ideias e de impressões. Já lá se vão trinta anos... estou cansado e – quem sabe? – arrependido talvez de não haver lutado com os meus sentimentos. Quem sou, afinal? Um velho bacharel inútil... um solteirão lastimável... sem uma alma que o compreenda... Sem família, sem amigos, sem ninguém... Sem mais nada além da sua mala filosófica...

AMÉLIA

Mas não dizia ainda agora que o dinheiro...

O DOUTOR

Oh! o dinheiro... Não creia!... Eu mentia!... Mentia, porque posso dizer, como o poeta, que a minha ventura consiste unicamente em parecer venturoso... o meu coração encheu-se outra vez, é verdade, mas de azedume e tristeza... Os terríveis efeitos do meu isolamento começam a aniquilar-me, a destruir o que ainda me resta de sensibilidade e brandura... E há de isto durar até o dia em que um criado feche piedosamente os meus olhos... quando eu aparecer morto nalgum quarto de hotel... (*Chora, e ergue-se envergonhado, procurando esconder as lágrimas*) Então?... Que é

isto?... Estou a chorar!... Naturalmente, Amélia, vai achar-me ainda mais ridículo que meu sobrinho!

AMÉLIA (*erguendo-se*)

Pelo contrário... Creia que estou bastante comovida... Pudesse eu fazê-lo feliz!

O DOUTOR

Ah! Seria preciso riscar da minha existência aquela data fatal... 2 de junho de 1864... o dia em que ela morreu...

AMÉLIA

2 de junho... 64... Que coincidência!... Ela morreu no mesmo dia em que eu nasci!

O DOUTOR

Deveras?... Oh! Amélia, que sabe se Deus quis... Que ideia! Eu tenho cinquenta e dois anos...

AMÉLIA

Não parece.

O DOUTOR

Acha?

AMÉLIA

Os contemplativos envelhecem com muita dificuldade... Se eu não receasse receber um não...

O DOUTOR

Que fazia?

AMÉLIA

Pedia-o em casamento...

O DOUTOR

A quem? A mim? Para quem?

AMÉLIA

Para quem há de ser? Considero-me digna do senhor. Creio que nos havíamos de entender perfeitamente, e pode ser até que eu o levasse a uma região aonde o Doutor nunca foi, apesar de se ter na conta do brasileiro mais viajado.

O DOUTOR

E essa região é?...

AMÉLIA

A Felicidade, restituo-lhe a sua Amélia com trinta anos de distância. Aceita a restituição?

O DOUTOR (*depois de uma pausa*)

O Félix é muito novo... Eu não serei muito velho?

AMÉLIA

Já leu o Doutor Pascal?

O DOUTOR

Já. Li-o em Driburg, na Vestifália.

AMÉLIA

Pois bem... faça um exame de consciência...

O DOUTOR (*estendendo-lhe a mão*)

A minha consciência diz-me que aceite.

AMÉLIA

Palavra de honra?

O DOUTOR - Palavra de honra! (*Aperto de mão*)

CENA III

Amélia, o Doutor, Dona Angélica.

DONA ANGÉLICA (*entrando da esquerda*)

A sopa está na mesa.

(*Cumprimenta o Doutor*)

AMÉLIA (*apresentando*)

O Doutor Pacheco... Minha tia...

O DOUTOR

Somos velhos conhecidos. (*Aperta-lhe a mão*)

DONA ANGÉLICA

O Julguei que já não se lembrasse de mim.

AMÉLIA

Sabe, titia? Caso-me...

DONA ANGÉLICA

Eu logo vi que o Senhor Félix seria um advogado eloquente para...

DOUTOR (*interrompendo-a*)

O Senhor Felix é muito novo para casar-se com Dona Amélia... Ele que se contente com ser seu sobrinho.

DONA ANGÉLICA

Não percebo...

AMÉLIA

Titia, aqui tem o meu noivo.

DONA ANGÉLICA

Hein? Dar-se-á caso que o meu Santo Antônio...

O DOUTOR

É verdade, minha senhora! Um casamento arranjado entre o
vermute e a sopa!



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com